

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ESTRESSE EM CRIANÇAS NAS COMPETIÇÕES DE KARATÊ**

Fabio Augusto Pucineli

CAMPINAS  
2003



FABIO AUGUSTO PUCINELI

## ESTRESSE EM CRIANÇAS NAS COMPETIÇÕES DE KARATÊ

Monografia de conclusão de curso a ser apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física, na modalidade Treinamento em Esportes, sob orientação do Prof. Dr. Pedro José Winterstein.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

## DEDICATÓRIA

**À minha família**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai, Domingos, pelo exemplo de dedicação e por ter me ensinado algo que me foi essencial: “tudo que você fizer, seja o que for, faça bem feito e com amor”.

À minha mãe, Rose: por ser o amor em pessoa – algo que, com certeza, aprendeu com a Sra. Tereza, minha avó (*in memoriam*).

Ao meu irmão, Vitor - o maior presente que os meus pais me deram.

A todos os professores, pais e crianças que colaboraram com esta pesquisa.

Ao meu professor de Karatê e amigo, Alziro, que mesmo pensando diferente de mim, me faz crescer.

Ao Elso, Marcos, Fernando e Aníbal, que conheci como alunos e hoje reconheço como grandes amigos.

À Kaori, por ser maravilhosa!

Aos amigos: Papaléo, Du e Alan... por serem amigos!

Ao Fabrício, pelas grandes colaborações.

À Íris, pela amizade.

A todos da turma 99N, que me adotaram como parte do grupo, em especial: Serginho, Vêi, Jé e Menchini.

Aos professores, especialmente: Jocimar, que primeiro me recebeu na Faculdade e que admiro muito pela sua “cultura”; ao João Freire, cuja obra me inspirou; ao Adílson, por “ser mais” e transcender nos conhecimentos da dança; ao Gavião, por me ajudar a lutar e ao Pedro, que mesmo muito ocupado, orientou com dedicação o meu trabalho.

Aos meus “irmãos mais velhos”, Tânia e Faísca, que muito me auxiliaram nas reflexões e confecção da monografia.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1. O ESTRESSE - CONCEITOS E PROCESSOS.....	15
1.1.1. <i>A Teoria do "U" invertido.....</i>	<i>21</i>
1.2. A COMPETIÇÃO INFANTIL E O ESTRESSE .....	22
1.3. O KARATÊ.....	24
1.1.2. <i>A Competição de Karatê.....</i>	<i>27</i>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>28</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>28</b>
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>5. RESULTADOS.....</b>	<b>33</b>
5.1. QUADRO DE SINTOMAS.....	33
5.2. PREFERÊNCIAS.....	35
5.3. A INFLUÊNCIA DE TERCEIROS.....	37
<b>6. DISCUSSÃO .....</b>	<b>51</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>8. ANEXO - QUESTIONÁRIOS APLICADOS NAS COMPETIÇÕES DE KARATÊ</b>	

## LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1 - Sintomas de estresse apontados pelas crianças durante a competição de Karatê</i>	33
<i>Quadro 2 - Expectativas apontadas pelas crianças sobre sua participação na competição de Karatê</i>	34
<i>Quadro 3 - Preferências das crianças na modalidade Karatê e os motivos que as fazem gostar ou não gostar de determinada atividade.</i>	36
<i>Quadro 4 - Respostas das crianças sobre como percebem a presença de seus pais na competição de Karatê</i>	38
<i>Quadro 5 - Como os pais percebem sua presença e como esta poderia influenciar na participação do filho na competição de Karatê.</i>	39
<i>Quadro 6 - Motivos que os pais apontam para estarem acompanhando seu filho na competição de Karatê.</i>	40
<i>Quadro 7 - Opiniões dos técnicos sobre a presença dos pais nas competições de Karatê</i>	42
<i>Quadro 8 - Expectativas atribuídas pelos técnicos, relacionadas à participação dos seus alunos (crianças) na competição de Karatê.</i>	44
<i>Quadro 9 - Expectativas atribuídas pelos pais relacionadas à participação dos filhos na competição de Karatê.</i>	45
<i>Quadro 10 - Objetivos das aulas para crianças, estabelecidos pelos técnicos</i>	48
<i>Quadro 11 - A competição na visão dos técnicos.</i>	49

## RESUMO

A competição é uma das características mais marcantes da sociedade atual. Ela está presente em diversas manifestações humanas, dentre elas o esporte. Cada vez mais, por influências diversas (mídia, família, escola etc.), a prática esportiva se inicia mais cedo. O problema da competição esportiva infantil surge quando são valorizados somente os fins: o desempenho em detrimento da possibilidade educativa da prática, sendo o estresse, um resultado desta condição. Objetivo deste trabalho é identificar se a competição de Karatê pode ser um fator de estresse para as crianças e como os pais e técnicos podem influenciar no processo. Para isso, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas em cinco campeonatos da modalidade com 27 crianças, 16 técnicos e 24 pais. As respostas foram agrupadas em categorias de acordo com a aproximação de seus conteúdos, possibilitando a identificação de estresse nas crianças e demonstrando que este processo pode estar acontecendo por influências de terceiros. Desta forma, nota-se a necessidade de uma melhor preparação dos técnicos e dos pais para a competição infantil no Karatê.

Palavras-chave: estresse; competição infantil; Karatê.

## ABSTRACT

The competition is one of the representative characteristics of the current society. It is found in many human being manifestations, amongst them the sport. More and more, for diverse influences (media, family, school etc.), the practice of sport initiates earlier. The problem of the infantile sportive competitions appear when the only interest are motives: the performance instead of the educative possibility of the practise, being stress (a process characterized basically for a disequilibrium between determined demands and the capacities in answering them), a result of this condition. Thus, the objective of this work is to identify if the competition of Karatê can be a factor of stress for the children and how their parents and coaches can influence in the process. For this, half-structuralized interviews in five championships of the modality had been realized, where 27 children had been interviewed, 16 coaches and 24 parents. The answers had been grouped in categories in accordance with the analogy of its contents, making possible to identify stress in the children and demonstrating that this process can be happening for influences of other persons. This way, it is noticed the necessity of a better preparation of the coaches and the parents for the infantile competition in the Karate.

Key-words: stress; infantile competition; Karate.



## APRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultado da pesquisa de Iniciação Científica realizada entre agosto de 2002 a julho de 2003, financiada pelo Pibic/CNPq, sob orientação do Prof. Pedro José Winterstein.

Trabalhar com este tema já era algo que eu havia planejado há tempos, quando da realização da disciplina “Aspectos Psicológicos da Motricidade” (MH310), com o mesmo professor, no segundo semestre de 2000. Foi neste período, estudando o conteúdo da matéria, que comecei a prestar mais atenção nos campeonatos de Karatê (modalidade que pratico desde 1988) quanto ao comportamento dos participantes.

Eu observava alguns pais exaltados, que torciam convictos de que o filho precisava ganhar; via técnicos (professores) brigando porque o árbitro não vira um ponto do seu aluno e insistiam para que a luta voltasse e observava as crianças, que pareciam não compreender tais exigências, não estando prontas para a responsabilidade de uma boa performance. Muitas choravam; se recusavam a competir; não entendiam o porque confrontar-se com outras crianças e derramavam lágrimas de dor quando atingidas por um golpe mais forte. Era esta a minha interpretação do cenário, que me fazia questionar os aspectos educativos desta prática e confrontava com os belos discursos sobre os aspectos morais do Karatê, que não estariam sendo trabalhados.

Interessei-me, então, em saber sobre o estresse dessas crianças e o que poderia estar por trás deste processo, para que pudesse ser pensada, a partir do meu trabalho (quem sabe), uma outra forma de competição infantil na modalidade, principalmente

uma mudança dos valores e da importância atribuída aos eventos de Karatê para crianças.

Tenho conhecimento de que muitos outros aspectos poderiam ser também pesquisados neste ambiente. O enfoque poderia ser antropológico; social; fisiológico... mas optei pelo psicológico talvez até por ter-me interessado pela área antes da Educação Física, inclusive prestando vestibular para Psicologia.

Quanto à modalidade, acredito que não é só nas competições de Karatê que as crianças se estressam. Por motivos práticos, especificar uma modalidade seria o ideal; por motivos pessoais, o Karatê faz parte de mim desde os oito anos de idade.

Iniciei na prática influenciado pelo filme "Karate Kid". Foi na minha cidade, Tietê – SP (terra de Itamar Assumpção; Camargo Guarnieri; Cornélio Pires; Gê Tock; Humberto Marques e outros), que aconteceu o meu primeiro contato com o que seria minha grande paixão: o Karatê.

O professor era o *sensei* Lair Roberto Moretti, pessoa que admirava bastante. Foi ele quem me levou, em 1993, para o meu exame de faixa preta com o Mestre Yoshihide Shinzato (até então, 9º dan). Mas três anos depois, o professor Moretti deixa a academia para se dedicar ao ensino de Karatê em sua cidade (Piracicaba) e fica no comando o *sensei* Alzairo Cesarino: meu colega de prática tornava-se meu professor!

Posso dizer que o Karatê marcou minha vida de forma significativa desde os primeiros momentos de prática. Isso se confirma com o seguinte fato: no meu exame para faixa amarela (segunda faixa), o examinador, *sensei* Miguel Carmo de Carvalho, disse algo que nunca esqueci: "espero que vocês sempre briguem pela justiça, pelo respeito e pelo amor ao próximo", incentivando-nos a conceber o Karatê como uma

forma de luta que transcende a corporal, além de nos dizer significativas palavras, as quais me fizeram respeitá-lo e tê-lo como alguém a ser seguido.

Foi a partir daí que comecei a perceber que se eu quisesse fazer um bom Karatê, eu não poderia somente ser bom tecnicamente (coisa que sempre fiz o possível para ser), mas teria de praticá-lo por completo, ou seja, tentando compreendê-lo em sua complexidade histórico-filosófica, além de complementar meus conhecimentos com outros conteúdos.

Lembro-me também do que meu pai sempre me dizia: “tudo que você fizer, seja o que for, faça bem feito e com amor”.

Graças a essas grandes influências, percebi que estudar era necessário para compreender melhor o próprio Karatê, inclusive para ensiná-lo, algo que sempre gostei. Neste sentido, aparece outra influência do meu pai relacionada com o “fazer bem feito”: “para ensinar Karatê você tem que fazer uma Faculdade”. Hoje vejo que isso pode não ser necessariamente certo, mas entendo que o meu pai queria me dizer era que o Karatê tinha aspectos mais amplos do que simplesmente técnicos. Mesmo sem nunca praticar a modalidade, posso dizer que o meu pai entendia (e entende) desta arte marcial.

Prestei Educação Física! De última hora, decidi, e a única opção para vestibular que ainda poderia me inscrever era uma particular: a Unimep, Piracicaba – pertinho da minha cidade.

Fiz o primeiro ano do curso na certeza de que ao final de 1998 prestaria uma pública. Durante este período, conheci pessoas que guardo “debaixo de sete chaves, dentro do coração”, as quais foram os maiores motivos da minha quase desistência da Unicamp, onde consegui entrar prestando prova de vagas remanescentes.

Os primeiros seis meses em Campinas, morando fora da casa dos pais, convivendo com pessoas que eu nunca vira, sentindo falta dos amigos da Unimep, fazendo aulas com diferentes turmas... puxa, foram difíceis!

Digo que graças à insistência dos meus pais, fiquei! E valeu ter ficado! Conheci um outro mundo; fiz valiosos amigos; tive aulas ótimas (e péssimas também, mas aprende-se muito com os maus professores, pelo menos como não se dá aula!); minha concepção de mundo mudou... nossa, nem dá para elencar tudo!

O que me marcou bastante foi ter dado aula de Karatê no Projeto de Extensão da Faculdade. Nem cabe a este espaço escrever o quanto aprendi, o carinho que recebi e também procurei proporcionar aos alunos e a minha satisfação em saber que estas pessoas praticavam com afinco aquilo que eu ensinei. Isso poderia ter também virado pesquisa! Mas preferi me "aventurar" na coleta de dados fora do ambiente acadêmico.

Estar nas competições como pesquisador era diferente, pois não estava mais no papel de competidor, técnico ou árbitro. Fiquei bastante feliz nesta condição, pois consegui o contato que talvez não conseguisse enquanto parte da competição.

O processo de pesquisa foi bastante interessante, trabalhoso e complexo. Exigiu cuidadosos estudos do referencial teórico e dos dados colhidos. Refleti; rabisquei; questioneei; organizei, lutei, desorganizei e organizei de outra forma... e escrevi o que agora é a minha monografia do Bacharelado em Educação Física: minha singela contribuição ao Karatê e às crianças!

## 1. INTRODUÇÃO

A competição é uma das características mais marcantes da sociedade atual. Ela está presente no trabalho, nas escolas e mostra-se com grande evidência nas atividades esportivas.

De Rose Jr. (2002) afirma que a competição é um fator cultural, entendido como *"motor de progresso e de desenvolvimento humano e social, pois, apesar de estar diretamente identificada com o esporte, ela também aparece em diferentes setores da vida das pessoas, como a família, a escola e o trabalho"* (p. 68).

As características competitivas estão tão incorporadas na sociedade que, muitas vezes, nem se percebe que, de alguma forma, se está competindo. Nas crianças, a cultura competitiva já se mostra presente no "vamos ver quem chega primeiro?".

A competição não é nenhuma vilã neste contexto, podendo ser bem utilizada nas escolas e empresas como uma aliada no que diz respeito à motivação, sendo um artifício ou um recurso para ensinar conteúdos novos ou para iniciar um novo trabalho. *"A competição em si não é boa ou má, ela é o que fazemos dela"* (FERRAZ, 2002, p.37). É prejudicial quando valorizados somente os resultados finais, em detrimento da possibilidade de um trabalho bem estruturado, que leve em consideração os meios e não somente os fins.

Um dos processos psicológicos que bastante se relaciona à competição é o estresse, que pode ser entendido como um desequilíbrio entre determinadas demandas e a capacidade em responder a elas, podendo implicar consideráveis conseqüências. Neste sentido, De Rose Jr (2002) afirma:

*"Como qualquer atividade do ser humano, o esporte também pode ser um gerador potencial de estresse se não for adequado às necessidades e potencialidades dos praticantes, (...)" (p. 67).*

Assim, esta pesquisa busca identificar se a competição de Karatê pode ser um gerador de estresse para crianças. Além disso, se os pais e os técnicos podem ser potencializadores desse processo.

### 1.1. O ESTRESSE - conceitos e processos

Na definição de Brandão (2000) estresse é:

(...) um estado de tensão que é criado quando uma pessoa responde às demandas e pressões que vêm de fontes externas, tais como família e trabalho, e às demandas geradas internamente, tais como obrigações, responsabilidade e pressões. Stress é um processo cumulativo de forma que cada situação nova gera sintomas que se juntam às anteriores (BRANDÃO, p. 19).

Um dos pioneiros na pesquisa sobre estresse foi Selye (1965), que caracterizou o processo em três estágios:

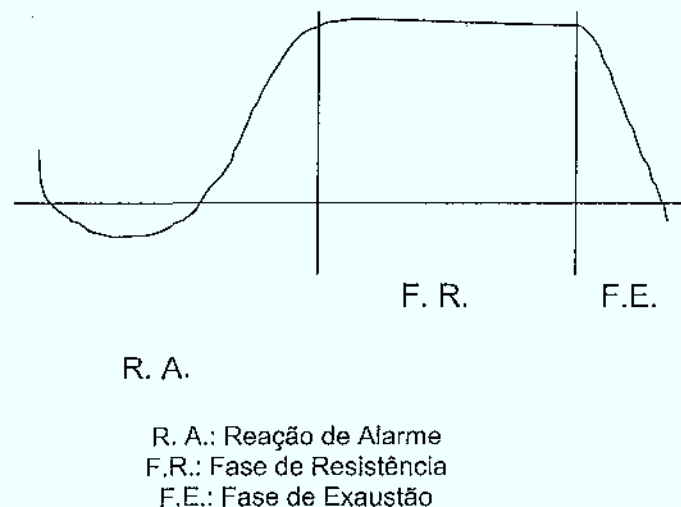


Figura 1: Representação esquemática da Síndrome da Adaptação Geral, proposta por Hans Selye (1965).

No organismo, quando submetido a uma condição que compromete a homeostase, haveria uma diminuição da sua resistência (R. A.). Logo depois, se a ação do estressor for prolongada e ocorrer uma adaptação ao estímulo, os sinais da R.A. tenderiam a desaparecer, caracterizando a Fase de Resistência – uma busca para manter o equilíbrio do organismo. Se o estímulo persistir, a energia de adaptação poderá se esgotar, caracterizando a Fase de Exaustão.

Isso Selye (1965) denominou “Síndrome da Adaptação Geral” (SAG) e sua teoria baseia-se no processo de estresse biológico.

Dentro da abordagem psicológica de estresse, encontra-se a *teoria cognitivista* (na qual se sustenta este trabalho), que se fundamenta no significado que as pessoas atribuem aos estímulos do ambiente, de acordo com seus valores. Ou seja, a percepção e a avaliação subjetiva de determinada situação constituem a “condição básica decisiva para a origem do estresse” (SMOLL & SMITH, *apud* SAMULSKI *et al*, 1996, p. 24).

Na avaliação subjetiva, todo e qualquer estímulo pode ser considerado estressor, o que torna difícil enumerar quais são eles, pois dependem da avaliação e percepção da pessoa.

Nitsch, *apud* Samulski *et al* (1996), afirma que fatores são considerados estressores quando:

A pessoa percebe uma elevada necessidade ou uma alta dificuldade de adaptação, ou quando a pessoa encontra-se numa situação de incerteza e não sabe se poderá controlá-la ou dentro de uma circunstância altamente problemática, na qual existe uma incerteza sobre a importância da mesma.  
(p. 29)

O estresse se dá a partir de uma situação, que é interpretada (como ameaçadora, perigosa ou frustrante, por exemplo), podendo provocar/determinar uma certa reação emocional, cuja intensidade e duração é proporcional à percepção e ao tempo em que a pessoa está sendo submetida ao estresse. Daí, as conseqüências: acidentes; redução do rendimento; problemas de saúde; conflitos etc (BRANDÃO, 2000).

A SITUAÇÃO compreende quais são as demandas impostas (cargas; exigências; expectativas etc); a PERCEPÇÃO depende de quem está percebendo ou experimentando o maior estresse, ou seja, é a avaliação subjetiva da situação, que determinará as REAÇÕES ao estresse aumentado (ansiedade somática e cognitiva; problemas de atenção e concentração etc), resultando numa CONSEQÜÊNCIA, que seria um comportamento subsequente ao aumento do estresse: ausências, diminuição do rendimento; menor satisfação etc (McGRATH, citado por WEINBERG & GOULD, 2001).

Neste contexto, essas reações emocionais fazem parte da chamada “ansiedade-estado”.

A ansiedade é uma emoção decorrente de uma antecipação atribuída a determinada situação: expectativa. E o estresse pode ser considerado precursor da ansiedade. “(...) o estresse age como propulsor da ansiedade, esta pode ser compreendida como uma reação emocional em face de uma situação de estresse” (SAMULSKI, 2002, p. 163). Assim, pode-se dizer que a ansiedade (e suas reações) é um indicador de estresse. Ao apresentar sintomas de ansiedade perante uma situação incerta (uma competição, por exemplo), poderá já estar ocorrendo, então, o processo de estresse.



Martens *et al*, citado por Bandeira (2002), confirma a relação:

Stress é o processo que envolve a percepção de substancial desequilíbrio entre demanda ambiental e capacidade de resposta, sob condições em que a deficiência para encontrar a demanda é percebida como tendo conseqüências importantes e é respondida com o aumento dos níveis de ansiedade-estado (p. 22).

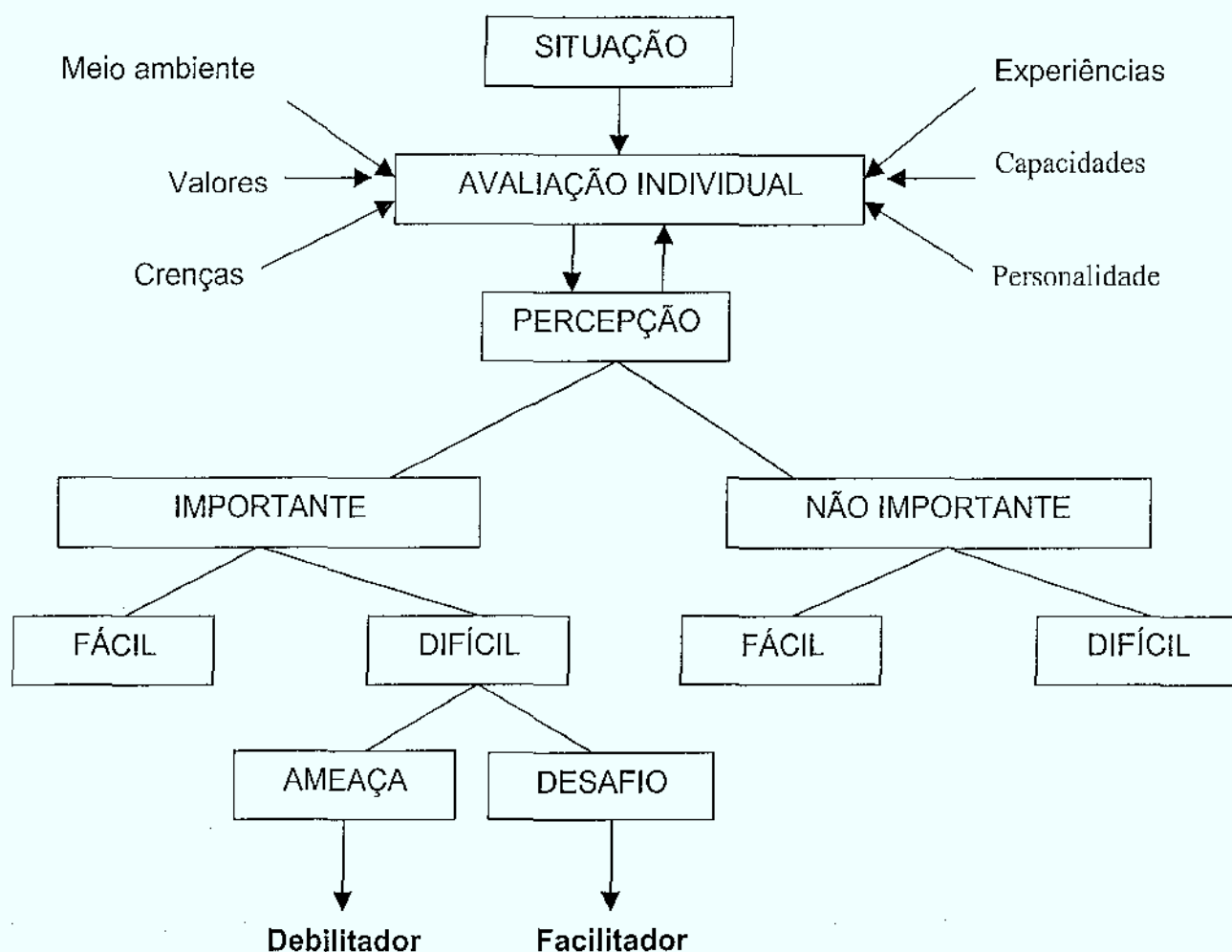
Biologicamente, a reação ao estresse é estereotipada, independente da situação, ou seja, serão sempre características do estresse os seguintes sintomas: taquicardia; sudorese; “frio na barriga”; respiração ofegante; boca seca; medo; ansiedade; preocupação; inabilidade para se concentrar; dificuldade para tomar decisões; perda do controle; falar rapidamente; maneirismos nervosos etc (BRANDÃO, 2000).

Podendo, esses sintomas, aparecerem isoladamente ou combinados, sendo que a intensidade dos mesmos depende da percepção individual em interpretar determinada situação. Esquemáticamente:

SITUAÇÃO → PERCEPÇÃO → REAÇÃO → CONSEQÜÊNCIA

Acima, um esquema básico do processo de estresse, no qual é interpretada uma situação (como ameaçadora, perigosa ou frustrante, por exemplo), que irá provocar/determinar uma certa reação emocional, cuja intensidade e duração é proporcional à percepção e ao tempo em que a pessoa está sendo submetida ao estresse.

O esquema anterior é melhor detalhado a seguir:



Processo de Estresse esquematizado. Adaptado de Brandão (2000) e Samulski *et al* (1996).

De maneira geral, é possível observar por este esquema, que o estresse pode ser desencadeado quando uma situação é avaliada como importante, implicando conseqüências desagradáveis se não cumprida. Pagar uma conta é um exemplo, por ser uma situação que se não cumprida, pode acarretar numa suspensão de um serviço

e, apesar de ser importante, tal tarefa não é necessariamente, difícil (desde que se tenha dinheiro), o que não desencadeia o processo de estresse.

As situações avaliadas como importantes e difíceis é que podem ser potencialmente geradoras de estresse, pois exigem da pessoa um grau de ativação para tarefa que, se avaliada como desafiadora, poderá incitar o indivíduo a resolvê-la de forma prazerosa e motivante. Mas, situações percebidas como importantes, difíceis e ameaçadoras tendem a elevar demais os níveis de ansiedade, por exemplo, e prejudicar na motivação, atenção e trazer posteriores conseqüências negativas à pessoa.

Brandão (2000) denomina as reações positivas de estresse “facilitador”, cuja implicação estaria em bons níveis de atenção, motivação etc; e as negativas, “debilitador”, que teria como conseqüências o medo, elevada ansiedade etc. O que determina se a reação ao estresse será positiva ou negativa, é a resposta do indivíduo, que dependerá da sua percepção/interpretação à situação, podendo constituir num fator desafiador e estimulante ou ameaçador. Portanto, o mesmo estímulo desencadeia respostas diferentes para cada pessoa.

A autora diz que o estresse é uma parte integrante da vida moderna, assim, controlá-lo torna-se uma necessidade básica para o crescimento e desenvolvimento normal do ser humano (p. 17), na medida em que seja “facilitador” e não “debilitador”.

### 1.1.1. A Teoria do “U” Invertido

(lei de YERDES & DODSON)

Esta teoria estabelece que há níveis ótimos de estresse para cumprir exigências de determinada tarefa. O estresse, então, teria uma função: a de ativação. Níveis elevados de estresse podem levar à perda da performance; muito baixos, à redução do rendimento, mas num ponto ótimo, pode favorecer no desempenho.

Sob o ponto de vista cognitivo-psicológico (SAMULSKI e outros, 1996):

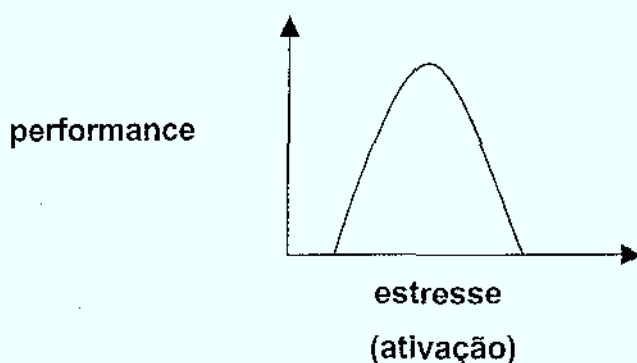


Figura 2: Representação gráfica da Teoria do “U” Invertido

Se os níveis de ativação forem muito baixos, as funções cognitivas podem ser mobilizadas de maneira limitada, implicando baixa motivação e redução do rendimento; já níveis altos de estresse podem afetar os processos de controle, planejamento e orientação, levando a uma perda do rendimento.

Segundo De Rose Jr. (1999):

Ele (o estresse) será positivo quando representado por uma necessidade de alcançar ou manter uma ativação ótima antes e durante o evento, levando o atleta a mobilizar energias para alcançar seus objetivos. Mas na maioria das vezes ele será negativo quando derivado de pressões externas ou internas do próprio indivíduo, tornando a situação uma ameaça ao bem estar ou à auto-estima do mesmo (p. 17).

## 1.2. A COMPETIÇÃO INFANTIL E O ESTRESSE

A competição é um processo de comparação social, no qual as pessoas terão suas capacidades e habilidades específicas colocadas em prova e que estarão sujeitas à avaliação de outros indivíduos.

Para De Rose Jr (2002),

Competir sugere a busca de um determinado objetivo e o empenho que alguém faz para atingir sua meta, considerando-se que outras pessoas também tentarão buscar o mesmo objetivo. Competir significa, necessariamente, rivalizar, lutar e tentar conseguir um feito. A competição pode ser definida como a situação na qual é feita uma comparação do desempenho de uma pessoa com algum padrão já existente, com outra pessoa ou com um grupo de pessoas na presença de pelo menos um indivíduo que conheça os critérios para essa comparação e possa avaliar o processo ( p. 69).

A competição, se encarada apenas como resultado final de um processo e se não levados em consideração seus meios (enriquecimento técnico e pessoal durante as práticas da modalidade, relação com as pessoas da própria ou de outras equipes etc), poderá ser um fator de estresse debilitador, sendo prejudicial.

Ferraz (2002), apresenta o conceito de "*prontidão social e psicológica*", e diz que a competição, sendo um processo de "*comparação social*", exige "*estruturas cognitivas complexas que não estão presentes nas crianças antes dos sete anos de idade, aproximadamente*" (p. 33). Assim, uma criança frente a uma demanda que não poderá suprir, devido a suas capacidades, poderá ter um prejuízo no desenvolvimento de sua personalidade, decorrente de alterações provocadas por fatores externos, ou mesmo internos; no seu equilíbrio psíquico.

De Rose Jr. (2002) apresenta em seu trabalho o termo "prontidão esportiva", desenvolvido por Robert Malina, definido como:

(...) o equilíbrio entre o nível de crescimento, de desenvolvimento e de maturação e o nível de demanda competitiva. Quando a demanda for maior que as características individuais, então o indivíduo não estará pronto para competir. E continua: é exatamente nesse desequilíbrio que se pode encontrar o grande aspecto negativo da competição infanto-juvenil (p. 71).

Nada impede que a criança inicie no esporte, muito pelo contrário. Um dos problemas é quando há especialização precoce, ou seja, um treinamento da modalidade por crianças, na crença de que quanto mais cedo iniciar a especialização na modalidade, maiores as chances de tornar-se um grande atleta no futuro.

Paes (1997), que pesquisou este problema, aponta a competição como “deseducativa”, pois não está, necessariamente, preocupada com a formação da criança. Um dos argumentos apontados por ele é: “(...) a falta de base dessas crianças, ainda em formação, para suportar as tensões geradas pela incerteza do jogo enquanto competição” (p. 85).

Moreira (2003) afirma que a especialização precoce vem acontecendo no Karatê e tem “evoluído” consideravelmente, visto que crianças cada vez mais novas iniciam um treinamento específico, visando a competição. Segundo Paes (1997): “(...) a competição precoce também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível” (p. 83).

Ferraz (2002) afirma que “sob o ponto de vista do desenvolvimento, não há necessidade de envolvimento de crianças antes dos 12 anos de idade em atividades competitivas altamente organizadas nos moldes das federações esportivas” (p. 35)<sup>1</sup>. E continua adiante:

---

<sup>1</sup> Vale constar que diferente de Ferraz (2002), Paes (1997) apresenta a idade mínima de 14 anos para a especialização no esporte.

(...) é a partir dos 10 a 12 anos de idade, aproximadamente, após passar pelo processo de aquisição, de combinação e de aprimoramento das habilidades básicas, que a criança está apta a relacionar (...) gestos motores às técnicas ou fundamentos específicos do esporte, levando-se em consideração os aspectos discutidos anteriormente (p. 37).

A competição será estressante em quaisquer idades se não estiver adequadas aos às condições dos participantes. O processo poderá ser prejudicial ao indivíduo dependendo da abordagem que é dada por ele ao evento, independente da idade.

Como este trabalho busca identificar se a competição de Karatê pode ser uma fator de estresse para as crianças, é necessário, agora, apresentar algumas informações sobre esta luta.

### 1.3. O KARATÊ

O Karatê é uma arte marcial desenvolvida no Japão, com influências chinesas e indianas. Constitui-se numa forma de combate desarmada, de onde se origina sua própria denominação: *Kara*: vazia; *Te*: mão – mãos vazias, no qual este "vazio" é também uma atribuição *Zen*: "Seja vazio como um bambu oco, e o sopro do espírito fará de você uma flauta" (BUYO, 1989).

É constituído basicamente por três elementos técnicos: *Kihon*, *Kata* e *Kumite*. Sendo o primeiro, a reunião de fundamentos que devem ser sempre praticados para melhoria da postura, dos deslocamentos e dos diversos movimentos; os *Katas* (palavra traduzida como "forma") são movimentos de luta realizados por apenas uma pessoa, em que é simulado um combate contra vários adversários imaginários. São mais complexos que os *Kihons* e exigem grande concentração e aplicação dos movimentos. O *Kumite* é o combate propriamente dito.

Esses elementos são interdependentes e se complementam dentro da prática, que deve ser contínua e regularmente renovada por instruções de professores e mestres.

Outra característica do Karatê é que ele é formado por vários estilos que se desenvolveram em locais diferentes do Japão e apresentam características próprias. Dentre os estilos estão: Shorin-ryu; Goju-ryu; Shotokan; Wado-ryu; Shito-ryu; Ueshi-ryu; Matsubayashi-ryu, entre outros.

Como filosofia<sup>2</sup>, o Karatê tem influências do *Zen* (uma das escolas do Budismo), tanto como as outras artes orientais: o Judô, a cerimônia do chá, a pintura, os arranjos florais, entre outras, visando um caráter humanista, para o aperfeiçoamento do homem e, com isso, trazer benefícios para a sociedade a partir de um comportamento pacífico, respeito e valorização da honra e do caráter. (SOARES, 1998, p. 37).

Pode-se resumir os preceitos do Karatê nos seguintes itens: prática; persistência; coragem; auto-conhecimento; paciência; humildade; integridade e auto controle.

Sua configuração técnica é também muito rica. Apresenta variações de socos, chutes, cotoveladas, joelhadas das mais diversas formas, o que proporcionava aos primeiros lutadores a possibilidade de enfrentar mais de um adversário de uma só vez.

Com a vinda para o Ocidente, foi incorporado ao Karatê aspectos competitivos, que proporcionaram certa desestruturação dos seus objetivos originais, desvinculando-se de seus propósitos. Vale a pena lembrar que a competição não é, em si, algo bom nem ruim. Tal classificação depende do que é feito dela, ou seja, nada impede que

---

<sup>2</sup> Entende-se que este termo tem origem ocidental, mas foi adotada como sinônimo de “preceitos” para tratar-se dos fatores que norteiam as artes marciais orientais.



peessoas participem de competições de Karatê, mas, infelizmente, tem-se dado uma ênfase exagerada neste aspecto, esquecendo-se dos preceitos. E com isso muito se perde quanto à identidade do Karatê.

A ênfase em vencer as competições não pode deixar de alterar as técnicas fundamentais que a pessoa usa e a prática na qual se envolve. E como se isso não bastasse, o resultado será a pessoa tornar-se incapaz de executar uma técnica poderosa e eficaz, que é, afinal, a característica peculiar do Karatê-do. (NAKAYAMA, 1996, p. 10).

É interessante também relacionar o fenômeno competitivo do Karatê com o preceito *Zen*, que visa o vazio, ou seja, a concentração num único foco, sendo a expectativa um fator gerador de ansiedade, precursor de sofrimento. Partindo deste princípio, quando a competição é vista como um veículo somente para atingir glórias, a ansiedade pode existir no medo de um possível fracasso, gerando estresse e causando assim, sofrimento. Além disso, um fato interessante e curioso é que as competições de Karatê para crianças são feitas nos moldes adultos, ou seja, seguem os mesmos "rituais", pontuação, os árbitros falam em japonês, entre outros aspectos. Há, talvez, muito pouco de educativo num campeonato de Karatê para crianças. Mesmo porque, não deve ser este o objetivo do mesmo. E qual seria, então? Será que uma competição de Karatê seria um fator importante para o desenvolvimento da criança no esporte e na vida, como dizem os infindáveis e belos discursos de vários professores, sendo que alguns não passam de palavras vazias, pois sua prática é repleta de incoerências? Será que uma criança campeã será um adulto campeão? Lembrando-se que, para tal condição, só há lugar para uma pessoa!

### 1.1.2. A Competição de Karatê

A competição de Karatê é composta normalmente por dois momentos: *kata* e *kumite*

Kata: Não se caracteriza por confrontos diretos. Os participantes são avaliados basicamente de acordo com os seguintes critérios: postura correta, movimentos precisos, força, concentração e ritmo.

Shiai-Kumite: é o combate propriamente dito. Dois atletas se confrontam buscando o maior número de pontos, de acordo com as técnicas específicas da modalidade e permitidas no contexto da competição.

## 2. OBJETIVOS

- Identificar se a competição de Karatê pode ser um fator de estresse para a criança e o que o desencadeia;
- Apontar qual a influência dos pais e técnicos na participação da criança quanto ao estresse.

## 3. JUSTIFICATIVA

A necessidade em pesquisar sobre o tema surgiu de observações realizadas nos diversos campeonatos de Karatê, nos quais ocorreram significativos acontecimentos relacionados à participação de crianças e à respectiva intervenção dos adultos, tais como choro das crianças, gritos e algumas brigas dos pais com seus filhos e com os árbitros, por exemplo.

Além disso, a literatura sobre Karatê é escassa. Não se tem uma rica bibliografia do assunto, pelo menos no Brasil. Os melhores livros estão em japonês ou traduzidos para o inglês. Ainda assim, não foi encontrado na revisão bibliográfica algum material que tratasse da competição de karatê para crianças, a não ser artigos ou trechos que sempre dizem que a prática educa, forma o caráter, disciplina, mas que falham em acrescentar: uma prática *bem orientada*.

Um trabalho sobre a participação de crianças em competições de Karatê poderá auxiliar no enriquecer do conhecimento sobre as situações de estresse a que podem estar submetidas, podendo-se, assim, pensar uma nova forma de participação das mesmas nos eventos; favorecer na formação de professores e técnicos da modalidade,

bem como na instrução, pelos próprios professores, dos pais frente a participação do filho no campeonato.

#### 4. METODOLOGIA

Optou-se por realizar a coleta de dados através de entrevistas direcionadas aos pais, técnicos e crianças nos campeonatos de Karatê, que envolvessem categorias que abrangessem crianças entre 5 a 10 anos de idade.

Por meio de três questionários (um para cada categoria de entrevistado), realizou-se entrevistas semi-estruturadas, *"(...) que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações"* (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 34). Desta forma, há questões específicas, mas existem algumas particularidades dependendo das respostas dos entrevistados.

Os campeonatos escolhidos para a coleta de dados foram os do circuito CAK (Cooperativa dos Amigos do Karatê), que compreende as cidades de: Tietê, Conchas, Laranjal Paulista, Campinas, Araras, Capivari, Cerquillo, Tatuí, Boituva, Rio das Pedras, entre outras.

Não são competições oficiais, organizadas pela Federação Paulista de Karatê, mas que seguem os mesmos regulamentos.

Optou-se por esse circuito pela possibilidade de maior diversidade das pessoas a serem entrevistadas, o que poderia não ocorrer em competições oficiais.

Os entrevistados foram identificados como crianças (C); técnicos (T) e pais (P), seguido do número correspondente à ordem cronológica de entrevista. Então, C2, por exemplo, não é, necessariamente aluno de T2.

A coleta de dados foi realizada em cinco competições de Karatê. Sendo quatro do circuito CAK (Cooperativa dos Amigos do Karatê) e uma da Apesec (Associação de Clubes de Campinas e Região).

Como um dos objetivos da pesquisa é apontar qual a influência dos pais e dos técnicos no processo de estresse das crianças, foram entrevistados pais (24), técnicos (16) e crianças (27).

O número de pessoas é maior do que o apresentado no projeto, que estabelecia um técnico por campeonato, sendo que este indicaria cinco pais e cinco crianças para serem entrevistadas.

Assim, cinco técnicos em cada campeonato indicavam um pai e uma criança para a entrevista. O que não foi uma regra geral, pois tanto alguns pais, como algumas crianças foram entrevistadas conforme observações feitas antes do início da competição, ou em campeonatos anteriores.

Alterar esse aspecto metodológico permitiu tanto uma amostra como uma diversidade maior nas respostas, mesmo elas sendo basicamente as mesmas para todos os pais.

Uma das dificuldades encontradas foi quanto aos técnicos, pois como eram campeonatos de uma cooperativa, muitos dos professores exerciam a função de árbitros no dia, deixando um aluno mais graduado em seu lugar como responsável pela equipe. Sendo de interesse para a pesquisa somente os professores das crianças e não seus substitutos.

Dois dos pais pesquisados também são professores da criança (P10 e P20, pais de C7 e C26, respectivamente).

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para a gravação, utilizou-se um gravador e fitas cassetes, instrumentos disponibilizados pela Faculdade de Educação Física – Unicamp.

Os campeonatos nos quais a pesquisa foi realizada:

- Copa Tatuí de Karatê – Tatuí, 25 de agosto;
- Copa Gimnus de Karatê – Araras, 08 de setembro;
- Copa Apesec de Karatê – Campinas, 15 de setembro;
- Copa Conchas de Karatê – Conchas, 29 de setembro e
- Copa Laranjal de Karatê – Laranjal, 20 de outubro de 2002<sup>3</sup>.

Para a realização das entrevistas, os técnicos eram comunicados na reunião dirigida a eles, que acontece em todos os campeonatos. Neste momento, alguns interessados em participar da pesquisa já se prontificavam e, em seguida, indicavam os pais e respectivos filhos. Mesmo assim, alguns entrevistados eram escolhidos a partir das características de comportamento que apresentavam durante o evento ou em competições anteriores: pais muito agitados; crianças que choravam muito; técnicos exaltados etc.

As pessoas eram entrevistadas no próprio ginásio em que se realizavam as competições. Algumas nas arquibancadas, outras, fora do ambiente, num espaço mais silencioso.

---

<sup>3</sup> Os Projetos de Extensão em Lutas da FEF/Unicamp disponibilizaram ajuda de custo para transporte e alimentação.

As respostas foram agrupadas em categorias, conforme a aproximação de seus conteúdos e dispostas em quadros. Tais categorias, surgem das questões e das respostas apresentadas.

## 5. RESULTADOS

A apresentação dos resultados parte de um quadro de sintomas construído com o que as crianças entrevistadas relataram ter sentido antes de competir.

### 5.1. QUADRO DE SINTOMAS

Quadro 1 - Sintomas de estresse apontados pelas crianças durante a competição de Karatê

CRIANÇAS/ SINTOMAS	Coração bater mais forte	Suava bastante	Respirava rapidamente	Corpo duro	Boca seca	Medo	Falou mais rápido do que de costume	Agitação	Maneirismo	Raiva	Frio na barriga	Nervosismo	Sensação ruim	Vontade de ganhar	Alegria	Ansiedade	Desespero	Vergonha	Tremedeira	Que ia ganhar	Arrependo
C1	X	X	X	X	X		X	X													
C2			X	X		X		X	X												
C3	X				X	X		X	X												
C4			X	X						X											
C5	X		X	X				X			X										
C6		X			X			X													
C7	X	X	X	X		X		X	X			X	X								
C8					X																
C9	X	X	X	X	X		X	X	X					X							
C10	X	X	X	X	X			X	X					X							
C11	X				X			X													
C12		X	X		X		X		X												
C13		X		X					X						X						
C14	X	X	X	X	X	X	X									X					
C15	X	X			X	X	X	X								X					
C16				X	X	X	X					X									
C17	X	X	X	X				X			X					X					
C18	X	X						X	X												
C19	X	X	X	X	X	X			X								X	X			
C20	X	X	X		X			X	X										X		
C21		X			X	X			X		X										
C22																			X		
C23		X							X												X
C24	X	X	X	X		X	X	X	X												
C25	X	X	X	X	X		X		X			X									
C26																					
C27							X	X			X										X

Os sintomas acima, que vão de “coração bater mais forte” a “maneirismos” (gestos repetitivos) foram selecionados a partir de Brandão (2000) e perguntados às



crianças se haviam sentido antes de competir. Os outros, foram relatados por elas quando perguntadas sobre o que mais sentiram.

Pode-se observar neste quadro que praticamente todas as crianças parecem apresentar possíveis indicadores de estresse, sendo alguns, essencialmente negativos: medo; raiva; “sensação ruim”, desespero e vergonha.

Esses dados mostram que as crianças parecem apresentar o processo de estresse em competições de Karatê e que, possivelmente, ocorre como debilitador, principalmente nos entrevistados que apresentaram sensações negativas: C2; C3; C4; C7; C14; C15; C16; C19; C21; C24 e C25.

O quadro abaixo mostra a categoria “expectativa” das crianças, a partir do qual pode-se iniciar a discussão a respeito do que esperavam elas do campeonato e como isso poderia interferir na sua participação.

Quadro 2 - Expectativas apontadas pelas crianças sobre sua participação na competição de Karatê

EXPECTATIVA DAS CRIANÇAS	Não soube responder	Não sabe	Ganhar	Participação	Medalha
C1	X				
C2			X		
C3			X		
C4			X		
C5				X	
C6					X
C7			X		
C8					X
C9			X		
C10			X		
C11				X	
C12		X			
C13			X		
C14			X		
C15					
C16					
C17					
C18	X				
C19			X		
C20			X		
C21				X	
C22					
C23			X		
C24			X		
C25	X				
C26			X		
C27			X		X

Salvo C21 e C25, as crianças citadas apresentaram como expectativa ganhar a competição ou a medalha. C9 e C10, apesar de não terem apresentado indicadores de estresse debilitador, mostraram um grande número de possíveis sintomas do processo (9 e 8, respectivamente).

Destacamos algumas das respostas:

C3: *"Ah, que no kata eu não fosse tão mal assim, porque eu acho que eu fui muito mal. Eu acho que não fui bem. Mas, tá bom!"*.

C14: *"Ah, eu esperava que eu ia ganhar, né. Eu fiquei todo afobado pra ganhar esta competição"*.

C15: *"Ah, eu esperava que eu ia ganhar, ou perder... qualquer coisa. Tinha que ver o que ia acontecer"*.

É importante avaliar esses resultados com o dos pais, como por exemplo, o pai de C3 (P2) afirmou: *"como sempre, ela é uma bela atleta e, com certeza, ela vai levar medalha"*, ao responder sobre sua expectativa. Isso pode implicar no desempenho da criança.

C14 e C15 apresentaram um preciso indicador de estresse: a ansiedade, emoção característica do processo.

Já C16 pode estar sugerindo que a competição é algo difícil e que ele julga não ter capacidade para obter um bom resultado.

## 5.2. Preferências

Questionando as crianças sobre o que mais e menos gostavam no Karatê e os motivos, procurou-se encontrar aquilo que poderia ser um fator de estresse dentro da competição, ou seja, aquilo que lhes causava estresse.

Os dados estão ilustrados no quadro 3:

Quadro 3 - Preferências das crianças na modalidade Karatê e os motivos que as fazem gostar ou não gostar de determinada atividade.

CRIANÇA	O QUE MAIS GOSTA	MOTIVO	O QUE NÃO GOSTA	MOTIVO
C1	Kata	"porque é legal"	Gosta de tudo	
C2	Campeonato		Exame de faixa	
C3	Lutar	—	Kata	"porque tem que treinar muito"
C4	Lutar	"porque é mais fácil... a gente consegue dar mais golpes"	—	—
C5	Kata	"porque não se machuca"	Lutar	"porque é muito violento"
C6	Lutar	"porque é gostoso"	Kata	"porque não é gostoso"
C7	Kata, lutar e brincadeira	—	"quando tem que fazer muito exercício que já fez bastante vezes e tem que fazer mais e castigo."	—
C8	Medalha		Não sabe	
C9	Kata	"porque é mais bonito"	Luta	"porque sai muita porrada"
C10	Kata	"porque não precisa bater"	Luta	"porque bate e aí chora"
C11	Tudo			
C12	Competição			
C13	Lutar	"porque tem mais movimentos"	Kihon	"porque é muita seqüência de golpes"
C14	Kata	—	"de ficar trotando"	"porque é muito chato"
C15	Kata	"porque a gente vai treinando novas técnicas, vai fazendo, vai imaginando como seria"	"trotar"	"porque cansa"
C16	Kata		Lutar	"é muito agressivo"
C17	Lutar e kata	"porque eu acho interessante"	"de ficar fazendo abdominal"	—
C18	Lutar			
C19	"brincar! Não! Aprender kata"			
C20	Competir	Não sabe	"de levar soco muito forte"	"porque dói"
C21	Kata	"porque faz bastante base"	Lutar	"porque cansa mais"
C22	"dos amigos"	—	"da falta de educação das pessoas de fora quando você está lutando"	—
C23	"brincadeira"	—	"de dar soco na cara do coleguinha"	—
C24	"de treinar"	"tem tempo pra brincar"		
C25	Lutar	"porque é legal"	Kata	"porque eu não lembro"
C26	Kata	—	"é aquelas demora"	
C27	Kata e luta	—	"de ficarem conversando na aula e me atrapalhando"	—

Os entrevistados têm preferências e motivos diversos. Mas, é provável que quando não gostam do *kata* é porque terão de ser avaliados por uma performance que exigirá seqüências corretas de movimentos, o que, para alguns, não é simples. Já outros, preferem o *kata* em detrimento do *shiai-kumite* (luta de competição) por um motivo que chama bastante atenção: a agressividade, a violência e a possibilidade de machucar.

Ou seja, aqueles que não se sentem bem fazendo *kata* o têm como ameaça, visto que serão avaliados pelo desempenho individual de uma seqüência que nem sempre conseguem se lembrar ou compreender. Já os que não gostam da luta, a vêem como ameaçadora da sua própria integridade física. As situações interpretadas como ameaça levam ao estresse, predominantemente, como debilitador.

### **5.3. A influência de terceiros**

Expectativas, preferências, valores, crenças são atributos determinados socialmente. Por este motivo, foi importante também entrevistar técnicos e pais nos campeonatos para melhor conhecer qual a influência que apresentam na competição infantil.

O quadro 4 mostra a opinião das crianças sobre a presença de seus pais na competição.

Observa-se que todas as crianças (salvo C2; C8 e C18, que não souberam responder) apontam a presença dos pais como fundamental e importante na sua participação na competição.

Algumas respostas:

C4: "Ajuda. Porque ele às vezes, na luta, ele fica falando o que é pra mim fazer...".

C23: "É bom. Porque ela vê eu ganhando".

Apesar disso, três pais reconhecem sua presença como negativa. Exemplo:

P6: "Eu gostaria que não influenciasse, mas eu acho que, de certa forma, sim. Mas eu procuro dizer pra eles, que eles procurem esquecer que eu tô aqui. Eu e a mãe, né. E... fiquem envolvidos com a atividade. Eu gostaria de não atrapalhá-los, mas eu gosto também de acompanhá-los". Ao ser questionado sobre como influencia, respondeu: "Influencia... eu acho que ele... ele fica com alguma limitação. Porque ele fica... acho que, se cobrando mais, não é? Porque o pai tá vendo. Eu acho que nesse sentido aí".

Quadro 4 - Respostas das crianças sobre como percebem a presença de seus pais na competição de Karatê

SOBRE A INFLUÊNCIA DOS PAIS	Incentivo	Não souberam responder	Segurança	Orientação	Sorte	Inspiração/ ânimo	Apoio	Compartilhar a vitória
C1	X							
C2		X						
C3	X		X					
C4				X				
C5	X							
C6				X				
C7				X				
C8		X						
C9					X			
C10				X				
C11								
C12				X				
C13	X							
C14								
C15	X							
C16			X	X				
C17	X					X		
C18		X						
C19								
C20						X		
C21							X	
C22				X				
C23								X
C24								X
C25		X						
C26		X						
C27	X							

O quadro 5 aponta a percepção que os pais têm da sua influência sobre a participação do filho durante a competição.

Quadro 5 - Como os pais percebem sua presença e como esta poderia influenciar na participação do filho na competição de Karatê.

COMO OS PAIS PERCEBEM SUA INFLUÊNCIA NA PARTICIPAÇÃO DO FILHO	Influencia		Não influencia
	Positivamente	Negativamente	
P1			X
P2	X		
P3	X		
P4	X		
P5	X		
P6		X	
P7	X		
P8	X		
P9			X
P10	X		
P11		X	
P12	X		
P13	X		
P14	X		
P15			X
P16			X
P17	X		
P18	X		
P19	X		
P20	X		
P21	X		
P22	X		
P23		X	
P24	X		

Como se pode observar, outros pais ainda dizem que não influenciam. Mas, P9, ao responder sobre os motivos em acompanhar seu filho na competição, apresenta o “incentivo” e P15 diz que está presente para acompanhar (resposta no quadro abaixo), mas observou-se que é um pai bastante empolgado e ansioso, que fica atrás da filha gritando orientações<sup>4</sup>. A orientação dos pais pode estar sendo vista por algumas crianças (mesmo que indiretamente) como uma cobrança. Além disso, o papel de orientar é do técnico.

<sup>4</sup> A “observação” não fez parte do método, mas em virtude de estar acompanhando as competições, elas podem complementar o trabalho.

T14 aponta este problema: *"Tem a parte boa, tem a parte ruim. A parte boa é o pai acompanhar, mas em termos, como eu poderia dizer, sem se intrometer, que às vezes os pais querem fazer o papel do técnico e acabam prejudicando o próprio atleta"*.

Abaixo, um quadro com os motivos que os pais apresentaram para justificar sua participação na competição:

Quadro 6 - Motivos que os pais apontam para estarem acompanhando seu filho na competição de Karatê.

O QUE MOTIVA OS PAIS ESTAREM ACOMPANHANDO SEUS FILHOS	Transmitir segurança	Transmitir confiança	Convivência com o filho	Participação ativa no desenvolvimento do filho	Acompanhar	Ver o filho ganhar	Apoio	Incentivo	Prestigiar o filho	Amor	Acompanhar pela pouca idade da criança
P1											X
P2	X										
P3				X							
P4			X								
P5				X							
P6	X	X									
P7		X					X				
P8								X			
P9								X			
P10		X									
P11		X							X		
P12							X	X			
P13							X				
P14			X								
P15					X						
P16						X					
P17	X										
P18											
P19					X					X	
P20											
P21		X						X			
P22											
P23				X							
P24								X			

O quadro acima mostra que os pais percebem, de alguma forma, sua participação como importante no campeonato. Não há, aparentemente, um motivo predominante. Mas, estão pautados basicamente em: segurança, confiança e incentivo. Mesmo assim, é interessante ressaltar a resposta de P4 e, principalmente de P16, por exemplo.

Quanto aos motivos, destacam-se:

P4: *"É... porque eu trabalho a semana toda. Eu sou comerciante e não tenho quase tempo de cuidar dos meus filhos pra participar da vida delas... então nos fins de semana a gente sai junto e quando a gente não vem pro karate a gente vai acampar, a*

*gente vai pra algum balneário, pra algum lugar, pra ficar junto, pelo menos um fim de semana”.*

P16: *“Bom, eu quero ver meu filho participar, espero que ele ganhe, eu fico muito feliz quando ele ganha, eu fico muito feliz por ele”.* Quando o filho perde: *“Ah, eu fico muito triste. Chego até chorar”.*

A resposta de P4 reflete um problema bastante comum: a falta de tempo para ficar com os filhos. Isso é apontado por T4, por exemplo, sobre a participação dos pais.

P16 é categórico em afirmar que quer ver o filho ganhar. Mas, se tomada a resposta da criança (C21) sobre sua expectativa, não é necessariamente este o seu desejo, mas sim, participar.

Sobre a influência dos pais, os técnicos também foram questionados. Acreditam eles que a presença é fundamental, mas os resultados apontam que pode ser negativa. Por exemplo: *“A cobrança dos pais às vezes é grande. Às vezes o pai quer que o filho seja campeão de karate e às vezes o filho nem quer competir. Então, tem os dois lados. Tem pai que incentiva muito, que apóia, sem uma cobrança que inibe as crianças. Tem outros que... tem criança minha que não vem em competição porque sabe que o pai vai estar na arquibancada exigindo, enchendo mesmo” (T9).*



Quadro 7 - Opiniões dos técnicos sobre a presença dos pais nas competições de Karatê

OPINIÃO DOS TÉCNICOS SOBRE A INFLUÊNCIA DOS PAIS	Influência pode ser negativa	Presença fundamental	Deveriam participar mais	Incentivo, estímulo, apoio e confiança à criança
T1	X	X		
T2		X		
T3		X		
T4	X		X	
T5			X	
T6		X		
T7	X	X		
T8				X
T9	X			
T10	X	X		
T11			X	
T12	X	X		
T13	X			
T14				
T15				X
T16		X		

Os dados do quadro acima apontam que os técnicos concordam que a presença dos pais é importante, apesar disso, ela pode ser negativa. Alguns técnicos (como no exemplo abaixo) justificaram que os pais devem não simplesmente participar mais dos campeonatos, mas do desenvolvimento do filho, inclusive no Karatê, acompanhando as aulas, conversando com o professor e com a criança sempre que possível.

T4 aponta algo importante:

*"Eu acho que os pais deveriam participar mais, saber dos acontecimentos aqui com o seu filho, o que acontece, principalmente a parte psicológica da criança. E mais adiante afirma: "a partir do momento que os pais estão participando do campeonato, eles também estão se interagindo dos acontecimentos. Por isso que eu acho necessária a participação. E... os pais que só vem pra campeonato pra fazer a cobrança, eu acho errado. Eu acho que eles têm que incentivar pra depois poder cobrar alguma coisa. Ver o desenvolvimento do seu filho dentro do esporte, pra depois estar, não cobrando, mas sempre incentivando a criança".*

Assim, da mesma forma que a presença dos pais é fundamental, pode haver cobranças acima das capacidades e das expectativas da criança. Segundo os professores, o maior problema é a falta de informação sobre o desenvolvimento da criança dentro e fora do Karatê.

E o que esperam, os técnicos e os pais, das crianças na competição?

Se tomadas como parâmetro as crianças eleitas como “mais estressadas”<sup>5</sup>, pode-se dizer que as expectativas de seus técnicos giram em torno da vitória ou mesmo do “fazer no campeonato aquilo que faz na academia”. Há outras expectativas, claro, mas observa-se uma certa influência daquilo que é esperado da criança, tanto por parte dos técnicos, como dos pais.

---

<sup>5</sup> Com um grande número de sintomas ou que apresentaram indicadores negativos.

Quadro 8 - Expectativas atribuídas pelos técnicos, relacionadas à participação dos seus alunos (crianças) na competição de Karatê.

EXPECTATIVA DOS TÉCNICOS	Que a criança faça na competição aquilo que é praticado na academia	Que a criança faça o melhor que puder	Participação	Seguir carreira profissional no Karatê	Desenvolvimento dos valores de convívio	Bom desempenho
T1	X					
T2			X			
T3		X		X		
T4					X	
T5	X					
T6					X	
T7	X					X
T8		X				
T9					X	
T10						X
T11			X			
T12	X					
T13	X					
T14						
T15				X		
T16	X					X

Os dados do quadro 8 mostram que há predominância quanto ao desempenho da criança na competição e também esperança para um futuro no esporte profissional (seguir carreira no Karatê). Isso pode representar que os técnicos estão, em sua maioria, preocupados com os resultados que demandam capacidades e habilidades específicas para serem alcançados.

Abaixo, alguns exemplos das expectativas dos técnicos e, em seguida, o quadro com as expectativas dos pais:

T2: *“É... o que eu sempre digo pra eles é que a gente sempre vem para uma competição como a gente fosse para um passeio. E que eles... que nenhum deles é obrigado a trazer medalha. E que a competição é com eles mesmos. Ele conseguir mostrar o que ele aprendeu lá e... tentando se afirmar, melhorar sua auto-confiança, o teu trabalho em grupo, cooperação... sempre nesse sentido. Mas vim como um passeio, A gente faz piquenique, traz refrigerante, mais como uma festa mesmo: um passeio”.*

T7: *“Então, nessa faixa etária de 5 a 10 anos, é... que ele tenha um bom desempenho, independente de ganhar medalha ou não”. Ao ser questionado sobre o*

que seria um bom desempenho, respondeu: *“Ele conseguir fazer aqui, com toda a pressão, com toda a ansiedade, com toda a pressão da competição, pressão dos pais, dele próprio, o mesmo que ele faz na academia. Nada além do que ele faz lá. Só ele conseguir repetir aqui, com todas as pressões o mesmo que ele faz lá”.*

Quadro 9 - Expectativas atribuídas pelos pais relacionadas à participação dos filhos na competição de Karatê.

EXPECTATIVA DOS PAIS	A competição como um meio para aprendizagem de valores de convívio	Que o filho ganhe medalha	Que o filho não se machuque	Participação	Vitória	Que o filho venha seguir carreira no esporte profissional
P1	X			X		
P2		X				
P3			X			
P4		X				
P5				X		
P6	X					
P7				X		
P8	X					
P9					X	
P10					X	
P11						X
P12	X					
P13				X		X
P14	X			X		
P15						X
P16					X	
P17	X	X				
P18						X
P19	X					
P20	X					
P21		X				
P22				X		
P23				X		
P24				X		

O quadro acima mostra que, ao contrário do que os técnicos apresentam como expectativa, os pais mostram predominância quanto aos meios que a competição pode promover para aprendizagem dos valores de convívio ou mesmo quanto à experiência proporcionada simplesmente com a participação no campeonato. Apesar de que, os pais que apresentaram expectativa relacionada ao desempenho, são mais categóricos em afirmar esperarem do filho uma medalha, ou que ele vença a competição.

Além disso, há uma resposta bastante interessante para esta pesquisa: “que o filho não se machuque”. Esta é uma possibilidade que ameaça a própria integridade física e, inclusive é apontada por várias crianças na tabela de preferências como os motivos de não gostarem de lutar.

Abaixo, alguns exemplos de entrevistas:

P1: *“Ah... eu sou muito tranqüilo, assim... eu deixo ele à vontade, nunca fiz cobrança a título dele ganhar, ter que ganhar, entendeu? Eu acho importante ele estar no clima da competição e saber aceitar a derrota e também, claro, se entusiasmar quando ganhar e dando sempre apoio pra ele, né!”*

P21: *“Eu espero que ele tenha, assim, uma super boa vontade de... ganhar uma medalhinha, pode ser de bronze, de prata... se for de ouro, melhor ainda... só”.*

Acima, exemplos de discursos que visam a participação e outros, a vitória (desempenho).

Alguns técnicos afirmaram que esperavam que a criança “consiga fazer na competição aquilo que fazem na academia”. Para compreender isso, também foi perguntado a eles quais os objetivos das aulas para as crianças. Se estas forem voltadas à técnica, pode-se dizer que fazer na competição aquilo que faz na academia é obter um determinado desempenho técnico; se as expectativas são voltadas para a participação das crianças de uma forma abrangente, então, os objetivos na competição, possivelmente, estarão em algo maior do que ganhar medalha.

Abaixo, algumas respostas:

T7: *“Então, eu tento puxar muito nas aulas a filosofia do karate. Não na íntegra porque ela fica meio chata pra criança, fica meio massiva. Mas esse negócio de respeitar o próximo, de união no grupo. É muito legal... tipo, eu tenho algumas aulas*

*que são misturadas crianças e adultos. É muito legal ter essa integração entre eles. E com o karate você consegue, muita coisa a respeito disso. É só ter um pouquinho de criatividade que você consegue o esporte fluir naturalmente”.*

*T8: “Eu acho que o principal objetivo nosso é proporcionar um esporte sadio, uma cultura nova pra criança. E ensinar ela, a gente não tem a responsabilidade de uma pai, mas a gente busca ensinar a criança a ter uma convivência social pacífica e, além disso, ela descobrir que ela tem um potencial maior. Como eu disse inicialmente, o karatê, eu... trabalhar lateralidade, passar coordenação motora, ajudar muito na formação do caráter, conversar, preparar pra ser um ser humano melhor. Não só no esporte, como na vida pessoal dele”.*

*T10: “O que eu espero de uma criança praticando karatê... primeiro que ela não é tratada como criança. O treino é igual pra todos. Claro que guardando as devidas proporções. Ninguém faz o que não agüenta, principalmente a criança. A criança é a primeira a parar se ela não está suportando o treinamento. Então, o treinamento é firme. Ou adulto, ou criança, o treinamento é firme. Mas a expectativa é disciplinar a criança e, principalmente, fortalecer o espírito dela desde criança. É... dar autoconfiança”.*

Quadro 10 - Objetivos das aulas para crianças, estabelecidos pelos técnicos

OBJETIVOS DAS AULAS	Não soube responder	Transmissão de valores para formação humana	Trabalho com ludicidade	Desenvolvimento de habilidades	Orientação contra hábitos nocivos (cigarro, bebidas, drogas etc)	Filosofia do Karatê	Aprender a ganhar e perder	Saúde
T1	X							
T2		X	X					
T3				X	X			
T4						X	X	
T5		X						
T6		X						
T7						X		
T8								X
T9		X						
T10		X						
T11		X						
T12		X	X			X		
T13		X		X				
T14		X						
T15		X						
T16		X						

Há outros depoimentos bastante interessantes, mas nos três destacados encontram-se idéias que levam ao pensamento de outros técnicos.

Na primeira entrevista, há uma certa resistência ao que T7 chama de “filosofia do Karatê”. Já na segunda, o professor reconhece como importante a questão cultural e vê o Karatê como algo bastante amplo, mostrando que é possível ensinar os preceitos desta arte marcial de forma contextualizada, reconhecendo também as possibilidades motoras da luta.

Quanto à afirmação de T10, pode-se dizer que ele valoriza em suas aulas as capacidades físicas, em especial, a resistência, e que não há uma preocupação com as fases de desenvolvimento da criança. Além disso, para que se desenvolva a autoconfiança, na opinião dele, é necessário que a aula (treino) seja “firme”. Mas nada impede que o conteúdo seja transmitido de maneira divertida e completo de valores humanos.

Para finalizar os resultados, é apresentada a seguir a concepção de competição dos técnicos quando responderam se é possível Karatê sem competição:

Quadro 11 - A competição na visão dos técnicos.

CONCEPÇÃO DE COMPETIÇÃO DOS TÉCNICOS	Um complemento para o Karatê	Elemento comercial	Fator motivacional
T1	X		
T2	X		
T3	X		
T4	X		
T5		X	
T6	X		
T7			X
T8	X		
T9	X		
T10	X		
T11			X
T12		X	
T13	X		
T14			
T15		X	
T16			X

A competição como complemento para o Karatê, é vista como algo a acrescentar na prática e não como um fim do processo. Mas é considerada por outros técnicos como uma motivação a mais, visto que oferece chances de ganhar medalhas, prêmios etc. E, com isso, podendo vincular os resultados dos próprios alunos ou do grupo em veículos de comunicação para divulgar sua associação a partir dos desempenhos alcançados.

Algumas respostas a serem destacadas:

T2: *"Eu acho que é difícil, mas eu dou aula pra 200 alunos. Desses 200, 20... nem 15% competem. Muitos vão lá porque têm amigos lá... gostam de fazer a prática esportiva e... eu acho que sim, sendo que são 15% dos meus alunos participam de competição, então, eu acredito que sim".*

T5: *"Difícil. Difícil pela sobrevivência, pela divulgação. O karate é um esporte que não tem acesso à mídia. É muito restrito o acesso de karate à televisão, ao grande*



*público... então, sem a competição, fica muito morto. O karate se restringue apenas<sup>6</sup> dentro da academia, então ... a tendência é acabar”.*

Acima um exemplo da visão de competição como complemento (T2), que mostra outras possibilidades de motivos para praticar Karatê. O depoimento de T5 é exemplo da necessidade em existir competições: a preocupação da vinculação da modalidade na mídia, para que alcance um maior número de praticantes e seja perpetuada.

---

<sup>6</sup> O professor ressaltou esta palavra em sua fala.

## 6. DISCUSSÃO

Para determinar se as crianças apresentam sintomas e passaram pelo processo de estresse na competição de Karatê, foram levantados alguns indicadores a partir do trabalho de Brandão (2000):

(...) algumas situações esportivas como, por exemplo, aquelas onde os resultados são importantes, mas incertos, têm o potencial de serem estressantes e de eliciarem, causarem ou produzirem três tipos de sintomas negativos nos atletas: físicos (aumento do batimento cardíaco, sudorese, 'frio na barriga', respiração ofegante, músculos tensos, boca seca, etc.); mentais (medo, ansiedade, preocupação, incapacidade para se concentrar, dificuldade para tomar decisões, perda do controle, etc) e comportamentais (falar rapidamente, maneirismos nervosos, tais como balançar os pés, etc) (p.118).

Estudando sobre o estresse, pode-se afirmar que poucos dos sintomas acima apresentados são essencialmente negativos. Sentir o coração bater mais forte, por exemplo, não é, necessariamente, algo ruim. Isso pode ser explicado pela própria teoria do "U" invertido, em que há um ponto ótimo de estresse e seus sintomas; ou mesmo pela qualidade do estresse que está acontecendo. Ou seja, há aumento da frequência cardíaca porque a situação estaria sendo avaliada como ameaça ou como desafio? E qual seria o grau de estresse vivenciado?

Desta forma, pode-se dizer que alguns sintomas são comuns, tanto no estresse facilitador, como no debilitador. Mas, há de se reconhecer que existem os especialmente negativos, como: medo e dificuldade para se concentrar, por exemplo.

Assim, as crianças entrevistadas possivelmente passavam pelo processo de estresse (vide quadro de sintomas). E que, esse estresse pode ser debilitador principalmente naquelas que mostram indicadores negativos.

Os sintomas correspondem às reações que o indivíduo tem perante uma situação que exige dele uma determinada demanda. A quantidade, bem como a qualidade dessas reações depende da percepção individual da situação.

Para Smoll & Smith, *apud Samulski et al* (1996), a percepção, bem como a avaliação subjetiva da situação, constituem a “*condição básica decisiva para o aparecimento do estresse*” (p. 24).

Nitsch, *apud Samulski et al* (1996), afirma:

A pessoa percebe uma elevada necessidade ou uma alta dificuldade de adaptação, ou quando a pessoa encontra-se numa situação de incerteza e não sabe se poderá controlá-la ou dentro de uma circunstância altamente problemática, na qual existe uma incerteza sobre a importância da mesma.  
(p. 29)

Desta forma, considerar as expectativas que as pessoas (crianças, técnicos e pais, no caso) atribuem à competição, é importante na determinação do estresse competitivo

Nesta pesquisa, a maioria das crianças apresenta como expectativa na competição, ganhar. Nisso estão envolvidos, basicamente, os seguintes fatores: as exigências que a tarefa impõe; se a percepção da capacidade do indivíduo é suficiente para atender às demandas e considerar qual seria a importância da vitória para a pessoa (SAMULSKI *et al*, 1996).

A condição “ganhar”, sendo um objetivo incerto e que exige da pessoa certas capacidades para tal, pode ser estressante se concebida como algo muito importante. E a qualidade desse estresse dependerá de como é interpretada a situação: como desafio, que incita a pessoa a lutar pela meta de forma prazerosa e motivante, ou como

ameaça, que compreende conseqüências negativas (frustração; falta de motivação; afastamento da atividade etc), em caso de fracasso.

De Rose Jr. (2002) completa: "*Como qualquer atividade do ser humano, o esporte também pode ser um gerador de estresse se não for adequado às necessidades e potencialidades do praticante (...)*" (p. 67).

Segundo o autor:

Quem compete é submetido a exigências de vários tipos, inclusive social, pois a participação expõe o indivíduo ao julgamento de outros, podendo obter *status* dentro do seu grupo social. Esse é um dos motivos que pode tornar a competição um evento potencialmente estressante em função das demandas da situação e é enfatizado quando a competição se torna mais formalizada (DE ROSE JR., 2002, p. 71).

É necessário então que antes de iniciar no processo competitivo, a criança já tenha atingido um determinado grau de maturação biológica e cognitiva. Para Ferraz (2002) essa questão é muito importante e afirma:

(...) sob o ponto de vista cognitivo-moral, há evidências suficientes para que se modifique a dinâmica inerente ao esporte de rendimento quando crianças estiverem no período da segunda infância ou no início da adolescência, ou seja, entre os 10 e os 12 anos de idade. É necessário que se considere a demanda cognitivo-moral complexa demais para essa fase de desenvolvimento, devendo-se, portanto, enfatizar os aspectos da prática esportiva lúdica (p. 33).

Então, segundo o autor, não há somente a expectativa individual na competição, mas também social, que pode influenciar fortemente no desempenho da pessoa, inclusive gerando estresse.

E vai mais longe: "(...) *sob o ponto de vista do desenvolvimento, não há necessidade de envolvimento de crianças antes dos 12 anos de idade em atividades competitivas altamente organizadas nos moldes das federações*" (p. 35).

É claro que mudanças nas estruturas são válidas, mas se a competição apresentada às crianças pelos pais e professores, principalmente, não for apropriada, a modificação da estrutura em si pode não fazer diferença.

Para saber se as situações da competição levavam ao estresse como debilitador ou facilitador, perguntou-se às crianças sobre suas preferências no Karatê.

Reconhecendo que estímulos (ou situações) podem ter significados diferentes para os indivíduos, observa-se que as crianças têm preferências diversas na modalidade. Mas algo bastante importante é mostrado: da mesma maneira que algumas crianças percebem a luta (*shiai-kumite*) como algo mais diversificado, em que se aplicam mais golpes, por exemplo, outras apontam a agressividade que tal situação estaria promovendo, como argumento para não gostarem de lutar.

É interessante notar que o Karatê é uma arte marcial, cujo um dos preceitos é o auto controle – algo que parece não estar ocorrendo nas competições, visto a ameaça à integridade física que as crianças perceberam.

Outro aspecto relevante é o apontado por C22 sobre o que não gosta no Karatê: *“da falta de educação das pessoas de fora quando você está lutando”*. Korsakas (2002) traz este problema:

Ao observarmos o esporte praticado por crianças e jovens nos clubes, nas chamadas categorias de base, identificamos rapidamente algumas características do esporte de rendimento reproduzidas neste contexto: técnicos maltratando seus atletas por erros cometidos, pais xingando árbitros, frases agressivas entoadas pela torcida (p. 40).

Isso ajuda a mostrar que a competição infantil é influenciada pelos adultos e nem sempre de uma boa maneira. A autora completa:

Toda prática esportiva oferecida às crianças e aos adolescentes é permeada por ações adultas – dos pais, dos dirigentes, dos professores, dos técnicos, dos árbitros; todos interferem de alguma forma nas experiências esportivas de seus praticantes. Essa influência não diz respeito simplesmente aos comportamentos e às atividades

dos adultos no momento da competição, mas também aos valores e aos princípios que norteiam a forma como o esporte é ensinado e praticado (KORSAKAS, p. 41).

A percepção, então, também depende muito da abordagem dada à atividade pelo indivíduo, sendo que ela pode ser influenciada por outras pessoas, tais como técnicos e pais.

Estudos de Lucato (2000), *apud* Simões (2002) demonstram que os pais de crianças de sete a nove anos acreditam que o esporte é um elemento fundamental na educação dos filhos. Mas, "*o estímulo para o confronto direto com os adversários pode, em caso de derrota, causar frustração – sendo que tudo isso pode estar associado aos profissionais da área esportiva que se preocupam demasiadamente com a vitória*" (SIMÕES, p. 63). Ou seja, a expectativa ganhar, apresentada pelas crianças poderia estar sofrendo influência dos objetivos adultos sobre o desempenho.

Simões (2002) cita uma pesquisa de Scanlan e Lewthwaite (1986):

(...) descobriram que o prazer que lutadores em idade escolar sentiam estava positivamente veiculado com a satisfação dos parentais em relação aos resultados obtidos como também com a participação positiva dos adultos no processo de interação social (p. 61).

Nesta pesquisa, as crianças afirmaram que a presença dos pais é importante, principalmente quanto ao incentivo e à orientação.

"O incentivo (...) é um procedimento essencial para que as crianças adquiram consciência participativa no mundo dos campos, das quadras, das piscinas e das pistas" (SIMÕES, p. 63) e dos *kotos*<sup>7</sup>, no caso.

---

<sup>7</sup> Área de luta da competição de Karatê.

Os motivos que os pais apresentaram para estarem acompanhando seu filho na competição são diversos, mas há predominância, na entrevistas, da segurança, da confiança e do incentivo.

P4, por exemplo, apresenta como principal motivo acompanhar suas filhas, já que o trabalho que realiza durante a semana o limita de estar com elas. A competição, então, seria também um espaço da convivência entre pais e filhos.

O problema maior, que inclusive é apontado pelos técnicos, está nos pais que não podem participar ativamente do desenvolvimento do filho, cobrarem resultados. Por eles não estarem cientes do nível de capacidades e habilidades das crianças, podem estar exigindo um desempenho não condizente com o nível de: maturação cognitiva, motora e social, além das habilidades específicas que ainda não foram bem desenvolvidas; entre outros aspectos. Isso não significa que os pais que acompanham regularmente teriam o direito de cobrar resultados dos filhos, mas conheceriam melhor o trabalho que é realizado, bem como o desenvolvimento da criança no contexto.

Sobre esse aspecto, De Rose Jr. (2002) escreve:

Outro aspecto relacionado aos adultos é o nível de expectativa depositado no desempenho da criança e do jovem. Espera-se muito em relação ao rendimento, sem se considerar as condições da pessoa para a realização da tarefa (p. 74).

De acordo com os técnicos entrevistados, a presença dos pais é fundamental, pois eles incentivam e dão mais segurança aos filhos. Além disso, é uma maneira de acompanhar as crianças, manter-se informado e fazer parte da formação humana dos filhos. Mas, como os próprios técnicos disseram, há pais que cobram muito e, além de atrapalhar o filho, dão problema a outras instâncias na competição (demais pais, professores, árbitros etc). Justamente por isso que deveriam participar mais (não só nas

competições, mas também nas academias), para que se informem sobre o processo de aprendizagem do filho e estabeleçam, de forma cada vez mais saudável, seus objetivos perante as situações competitivas.

Os pais também foram perguntados sobre como percebem sua influência na participação do filho. Observa-se nos resultados, que grande parte deles diz que sua presença na competição influencia de uma maneira positiva. Alguns dizem que não influenciam. É interessante que três deles apontam sua presença como negativa. P6, por exemplo: *“Eu gostaria que não influenciasse, mas eu acho que, de certa forma, sim. Mas eu procuro dizer pra eles, que eles procurem esquecer que eu tô aqui. Eu e a mãe, né. E... fiquem envolvidos com a atividade. Eu gostaria de não atrapalhá-los, mas eu gosto também de acompanhá-los”*. Ao ser questionado sobre como influencia, respondeu: *“Influencia... eu acho que ele... ele fica com alguma limitação. Porque ele fica... acho que, se cobrando mais, não é? Porque o pai tá vendo. Eu acho que nesse sentido aí”*.

Isso estaria demonstrando que mesmo o pai, aparentemente<sup>8</sup> não se importando com o resultado, a criança pode fazer uma cobrança a si mesma para “agradar” aos pais, ou por algum outro motivo. Assim, seria interessante que, mesmo os técnicos e os pais que não cobram grandes resultados, preocupem-se em reconhecer se as crianças estão exigindo de si mesmas, desempenhos acima de suas capacidades.

P16 é um exemplo de pai que cobra do filho um resultado (ganhar) e que apresenta a ele conseqüências negativas se não atingir a meta: afirma que se o filho não ganhar, chega “até a chorar”. Ou seja, a importância atribuída ao ganhar é grande e que, neste caso, ao fracassar a conseqüência negativa, o choro da mãe.

---

<sup>8</sup> A cobrança pode estar associada a outros momentos e de forma indireta.



Quanto aos técnicos, suas expectativas são um pouco diversificadas, mas pode-se dizer que giram em torno do desempenho da criança na competição.

É interessante notar a condição: *"fazer na competição aquilo que é feito na academia"*. T7, por exemplo, reconhece que são dois ambientes diferentes: *"ele conseguir fazer aqui, com toda pressão, com toda a ansiedade, com toda a pressão da competição, pressão dos pais, dele próprio, o mesmo que ele faz na academia"*. E, apesar de toda essa "pressão", a criança ainda deveria desempenhar um bom papel na competição!

Nessa condição, deve-se atentar para quais são os objetivos das aulas. Se a preocupação é, por exemplo, com o desempenho técnico, pode-se deduzir que, no campeonato, a criança deve aplicar corretamente as técnicas, tanto no *kata*, quanto no *shiai-kumite*, o que exigiria um nível de maturação cognitiva e motora adequado. Como afirma Ferraz (2002): *"(...) para participar de uma competição esportiva supõe-se que a criança já tenha alcançado maturidade psicológica suficiente que lhe permita enfrentar outra criança"* (p. 28).

Um depoimento que chama atenção quanto aos objetivos das aulas para as crianças é o de T10: *"O que eu espero de uma criança praticando karatê... primeiro que ela não é tratada como criança. O treino é igual pra todos. Claro que guardando as devidas proporções. Ninguém faz o que não agüenta, principalmente a criança. A criança é a primeira a parar se ela não está suportando o treinamento. Então, o treinamento é firme. Ou adulto, ou criança, o treinamento é firme. Mas a expectativa é disciplinar a criança e, principalmente, fortalecer o espírito dela desde criança. É... dar auto-confiança"*.

Percebe-se claramente que ele não considera os aspectos do desenvolvimento e que a criança está sendo vista por ele como um “adulto em menores proporções”. E isso pode trazer conseqüências negativas à criança.

Mas é interessante o que diz T8: *“Eu acho que o principal objetivo nosso é proporcionar um esporte sadio, uma cultura nova pra criança. E ensinar ela, a gente não tem a responsabilidade de um pai, mas a gente busca ensinar a criança a ter uma convivência social pacífica e, além disso, ela descobrir que ela tem um potencial maior. Como eu disse inicialmente, o karatê, eu... trabalhar lateralidade, passar coordenação motora, ajudar muito na formação do caráter, conversar, preparar pra ser um ser humano melhor. Não só no esporte, como na vida pessoal dele”*. Há um reconhecimento de que o Karatê é, além de esporte, uma das manifestações da cultura japonesa, que tem seus significados e valores associados a ele e que podem favorecer num desenvolvimento social, motor e cognitivo, de acordo com a abordagem que lhes é dada.

Por isso, é importante conhecer os objetivos que os técnicos atribuem para suas aulas, pois isso pode refletir em sua prática. Segundo Korsakas (2002): *“qualquer ação pedagógica está diretamente ligada aos princípios e aos valores daquele que executa”* (p. 43). Ou seja, o trabalho é feito a partir da concepção que se tem de Karatê e de como ele deve ser ensinado. Interessante notar também que muitos, ao serem questionados sobre esses objetivos, demoraram a formular suas respostas, sendo que algumas nem estão muito claras. Isso poderia estar refletindo dificuldades em estabelecer metas e talvez pouca reflexão sobre a própria prática profissional como professor.

Para conhecer mais sobre o que pensam os técnicos, perguntou-se qual o conceito de competição.

A maioria deles respondeu que ela é um complemento para o Karatê. Mas, outros fatores aparecem: a competição como elemento comercial e como fator motivacional.

Ou seja, apesar da competição aparecer como complementar, ela é considerada importante para que haja maior motivação dos alunos em estarem comparecendo às aulas para que suas expectativas possam ser alcançadas (ganhar; seguir carreira profissional no esporte; medalha etc). Isso pode acontecer devido à própria cultura competitiva existente na sociedade, na qual os resultados são valorizados e constantemente vinculados à mídia, por exemplo. Sem contar a questão da realização dos técnicos perante a vitória dos alunos e a possibilidade disso estar, de certa forma, divulgando sua academia.

Mas, seria importante que uma associação de Karatê fosse reconhecida também pelos seus méritos quanto à formação humana que promove através da modalidade; pelo empenho do professor em transmitir conhecimento e pela disposição em atualizar-se e preparar aulas de qualidade.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta de dados nas competições de Karatê mostrou existirem diversas informações, que poderiam levar a inúmeras discussões. Como infelizmente (ou felizmente!) não é viável a uma só pesquisa dar conta de todas elas, este trabalho buscou limitar-se ao máximo possível à questão do estresse e suas possíveis causas. Mas não foi possível ignorar a questão dos valores que estão vinculados à participação das crianças em competições, pois percebeu-se que há motivos profundos que influenciam na determinação do estresse competitivo.

É extremamente complicado descrever uma situação como estressora, pois isso é algo individual. E é difícil também determinar se a reação é de ameaça ou de desafio, simplesmente pelos sintomas descritos pela pessoa: medo; taquicardia; agitação etc, pois são características de ansiedade - uma emoção do estresse.

Desta forma, nos dois casos há os mesmos sintomas, mas conseqüências diferentes com o decorrer do tempo e continuidade dos estímulos.

Então, para que uma competição, por exemplo, seja algo desafiante e não ameaçador, é interessante que seja trabalhada a percepção da pessoa acerca desta situação, exigindo, aos poucos, melhores desempenhos, por exemplo. E também auxiliar na definição sobre o que é importante (ganhar ou participar, no caso) e o que é possível, ensejando condições para isso, até que uma competição se torne algo desafiador, com conseqüências positivas, resultado de um trabalho cuidadoso de professores, técnicos e pais.

Sintomas de estresse foram identificados nas crianças durante a competição de Karatê e, possivelmente, são desencadeados basicamente a partir dos fatores:

importância atribuída à competição, atrelada ao grau de complexidade e também à percepção que a criança tem de sua capacidade para responder às expectativas estabelecidas. Além disso, é significativa a questão apontada pelas crianças quanto ao *shiai-kumite*, quando afirmam que é algo agressivo e violento, o que também pode ser um potencial fator de estresse, visto que ameaça a própria integridade da pessoa.

O ambiente pode influenciar nos fatores acima apresentados (importância, complexidade da tarefa e percepção da capacidade). Dentro deste meio, estão as pessoas próximas às crianças. Em particular, pais e técnicos, como influenciadores em potencial, visto que são fortes modelos para as crianças.

Isso é bastante significativo nos resultados desta pesquisa, no que diz respeito às expectativas: ganhar, seguir carreira no esporte, obter bom desempenho e na concepção de competição dos técnicos, por exemplo. Ou seja, expectativas relacionadas ao desempenho podem influenciar fortemente as crianças na busca de certos rendimentos na competição, tal busca é também um dos fatores que poderiam estar gerando estresse.

A presença dos pais na competição é concebida pelas crianças como algo positivo, mas isso não os isenta de também serem potencializadores do processo de estresse como debilitador. De certa maneira, a cobrança por parte dos pais parece não ser posta diretamente à criança.

Percebe-se que boa parte dos pais adota uma postura de técnicos, quando as crianças apontam a "orientação", como ponto positivo na presença do pai.

Os pais reconhecem que fazem diferença na participação do filho. Essa presença é apontada, pela maioria deles, como algo positivo, sendo que tais respostas devem ser contextualizadas com as expectativas que atribuem ao filho. Se eles

esperam que a criança ganhe, suas orientações provavelmente estarão relacionadas com o desempenho; se o objetivo é que haja participação e aprendizagem, então, estará centralizada na complementação deste processo.

Os técnicos percebem a presença dos pais como importante, mas que pode vir a ser negativa quando não estiverem informados sobre o “desenvolvimento” do filho, dentro e fora do Karatê e cobrarem resultados que não condizem com os estabelecidos pelo professor.

Mesmo que os técnicos e pais não cobrem das crianças resultados que venham a stressá-las de forma negativa, seria necessário que se preocupassem também em reconhecer se elas estão exigindo de si mesmas, desempenhos acima de suas capacidades. Este é outro ponto a ser salientado: parece estar havendo comunicação insuficiente entre pais e técnicos. Além disso, os professores entrevistados mostraram ter conhecimento sobre o que ensinam, mas talvez conheçam pouco sobre os sentimentos dos seus alunos e, no caso do estresse, que o processo acontece de forma diferente em cada indivíduo. Assim, conhecer melhor os alunos é algo que poderia possibilitar um trabalho mais eficiente com a criança.

Em virtude da quantidade significativa de indicadores de estresse nas crianças, seria necessário atentar para qual seria a importância atribuída à competição, especialmente quando determinados resultados são esperados. Será que a competição é necessária à criança? Esta pesquisa indica que pode não ser, principalmente se os valores atrelados à competição forem os do rendimento e desempenho, e também se a estrutura da competição favorecer na possibilidade de agressividade, como apontado acima.

Sabe-se que não é possível “fugir” do estresse, pois ele está sempre presente na vida das pessoas, além do mais, não é somente negativo. Assim, é necessário aprender (e ensinar) maneiras de utilizar-se dele de forma benéfica, evitando situações que venham a ser ameaçadoras ou que proporcionem um grau muito elevado de ansiedade. Mas, talvez mais importante seja trabalhar com a percepção da criança, no que diz respeito aos seus valores e atribuir uma importância coerente à situação competitiva, no caso, para que esta ofereça, ao invés de ameaças, os desafios necessários a um bom desenvolvimento no Karatê.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT - **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. Rio de Janeiro, agosto de 2002.

BANDEIRA, T. L. **Identificação das causas subjetivas da ansiedade competitiva e das estratégias de superação de atletas de equipes adultas masculinas de basquetebol**. Dissertação. Faculdade de Educação Física/Unicamp. Campinas, 2002.

BRANDÃO, M.R.F. **Fatores de stress em jogadores de futebol profissional**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BUYO, M. **Karate-do –vol. I – fundamentos**. São Paulo, 1989.

DE ROSE JR., D. **Stress pré-competitivo no esporte infanto-juvenil: elaboração e validação de um instrumento**. Tese – Usp. São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Situações específicas e fatores de stress no basquetebol de alto nível**. Tese (Livre Docência). São Paulo: USP, 1999.

\_\_\_\_\_. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. *In* DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

DE ROSE JR., D; SIMÕES, A.C. e VASCONCELLOS, E.G. **Situações de jogo causadoras de “stress” no handebol de alto nível**. Revista Paul. Ed. Física, São Paulo, 8 (1): 30-37, jan./jun. 1994.

FERRAZ, O.L. O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências. *In* DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

HAMMERMEISTER, J. e BURTON, D. **Stress, appraisal, and coping revisited: examining antecedents of competitive state anxiety with endurance athletes**. *The Sport Psychologist*, 2001, 15, 66-90, 2001.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. *In* DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.



MOREIRA, S. M. **Pedagogia do esporte e o karatê-do**: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. Dissertação. Campinas: FEF/Unicamp, 2003.

NAKAYAMA, M. **O melhor do karatê – 1 – visão abrangente**. São Paulo: Cultrix, 1996.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. 2ª edição - Barueri – SP: Editora Manole, 2002.

SAMULSKI, D. & outros. **Stress – teorias básicas**. Belo Horizonte, 1996.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**, 16ª ed. – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

SIMÕES, A.C. **A psicossociologia do vínculo esporte – adultos - crianças e adolescentes: análise das influências**. In DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SIMÕES, A.C., BÖHME, M.T.S. e LUCATO, S. **A participação dos pais na vida esportiva dos filhos**. Revista Paul. Ed. Física, São Paulo, 13 (1): 34-35, jan/jun. 1999.

SOARES, P.R.C. **Educação física escolar e artes marciais: um estudo sobre o karatê**. Monografia de conclusão de curso. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

WEINBERG, R.S. & GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2001.

## 8. ANEXO - Questionários aplicados nas competições de Karatê

### I - QUESTÕES

PAIS:

Nome; Associação; Cidade; Escolaridade.

- 1- Você pratica Karatê ou já praticou?
- 2- Conseguiu algum título?
- 3- O que você espera do seu filho na competição?
- 4- Qual a sua expectativa em relação a ele quanto ao esporte?
- 5- Qual é a influência de sua presença na competição?
- 6- Se fosse para resumir os motivos que o faz acompanhar seu filho na competição, quais seriam?

TÉCNICOS:

Nome; cidade; escolaridade; idade; graduação; tempo de prática.

- 1- O que você espera do seu aluno na competição?
- 2- Qual a sua expectativa em relação a ele quanto ao Karatê?
- 3- Quais os objetivos básicos da sua aula em relação às crianças?
- 4- Qual o seu conceito de competição?
- 5- É possível Karatê sem competição?
- 6- Quantas crianças da sua academia estão participando hoje da competição? E destas, quantos pais acompanham seu filho? E o que você acha disso?

CRIANÇAS:

Idade: \_\_\_\_\_ Graduação : \_\_\_\_\_ Tempo de prática: \_\_\_\_\_

- 1- O que você mais gosta de fazer?
- 2- Você gosta de competir? Por que?
- 3- O que você esperava desta competição?
- 4- E o que aconteceu?
- 5- Você dormiu bem esta noite?
- 6- Você sentiu antes da competição:
  - a) coração bater mais forte; b) suou bastante; c) respirava rapidamente;
  - d) sentiu seu corpo duro? e) boca seca; f) medo; g) falou mais rápido do que de costume; h) não conseguia ficar parado; i) mexia o corpo repetidamente; j) outro.
- 7- O que você está sentindo agora?
- 8- Por que você luta Karatê? Alguém o incentivou?
- 9- Do que você mais gosta no Karatê? Por que?
- 10-Do que você não gosta no Karatê? Por que?
- 11-O que você acha da presença dos seus pais na competição?
- 12-O que você acha que eles vão lhe dizer?
- 13-O que você acha que o seu técnico irá lhe dizer?
- 14-O que você gostaria de estar fazendo agora?